



Editor: *Instituto Politécnico de Santarém*  
Coordenação: *Gabinete coordenador do projecto*

Ano 5; N.º 194; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.20]

## **FOLHA INFORMATIVA N.º 27-2012**

### **MEMÓRIA DA TERRA E DO MAR - III**

#### ***Os mais pobres dos pobres e o mais belo barco do mundo***

Quanto aos pescadores portugueses, no seu largo mundo de miséria e de azul (com cada vez mais miséria... e cada vez mais desprezo e opressão económica e burocrática por parte do governo do Rei de Lisboa...), eles foram simplesmente sobrevivendo como puderam, nos séculos XVI-XXI, e tudo para eles foi sendo cada vez mais difícil.

Foram sendo lentamente asfixiados pelas opressões económicas do senhorialismo feudalizante e, às vezes, ferozmente dizimados pelas perseguições socioeconómicas do Santo Ofício da Inquisição (apostado em violentamente impedir o desenvolvimento económico e social das actividades produtivas que visassem a pôr em causa a estrutura da "Sociedade de Ordens" medievalizante).

Num mundo de fidalgos e de frades, não havia futuro para pescadores. E foi assim durante mais de três séculos...! A única época em que houve períodos em que os pescadores puderam respirar económica e socialmente um pouco melhor foi ao longo do século XIX quando o Poder terrícola, do Estado, andou ocupado com guerras peninsulares e com guerras civis e, por isso, se distraiu mais na arrecadação do fisco (deixou os pescadores viver e trabalhar um pouco mais à vontade, sem lhes ir buscar tanto peixe...). E, honra lhe seja feita, o liberalismo oitocentista, quando sucedeu ao "Antigo Regime", continuou essa tendência, oprimindo menos esta actividade económica produtiva.

Num balanço global, ao longo de cinco ou seis séculos, os pescadores portugueses foram sempre obrigados a viver na miséria, ou a emigrar. E foi isso o que sempre fizeram. Quer os dedicados às pescas artesanais e costeiras da sardinha (as diversas artes, pequenas ou grandes, de arrasto para terra), quer os dedicados às pescas do alto e longínquas (da pescada, do bacalhau, etc.) nos litorais do Minho e do Porto; em Aveiro ou em Buarcos; em Paredes,

Salir, na Pederneira ou em Peniche; desde Ovar até à ria de Cascais e de Lisboa; desde a Vieira até à ria de Sesimbra e de Setúbal; ou em Lagos (mas... estes últimos, e outros, no Algarve inteiro, até Olhão, tal como os de Lisboa, na Madragoa, não é difícil de perceber que são sempre de origem portuguesa e nórdica... varinos, Ílhavos e cagaréus da ria de Aveiro, ou gente do Parto, de Matosinhos, da Póvoa e das Caxinas. etc...).



Deixando agora de lado as comunidades marítimas e piscatórias nos séculos XV-XX dedicadas às grandes pescas do alto e longínquas (a partir desses centros portuários maiores e mais antigos como eram o Porto, Miragaia e Massarelos, Viana da Foz do Lima, Vila do Conde/Póvoa, ou Buarcos). Iremos, nesta série de artigos que formos publicando na comunicação social local, tratar dos mais pobres dos pobres; os pescadores dedicados à (só aparentemente mais pequena e fácil...!) pesca de arrasto para terra — a "Arte" —, no Centro de Portugal, em pequenas povoações sem instalações portuárias e sem um *hinterland* próximo muito povoado, como são o litoral varino do Furadouro, as praias novas das gafanhas de Ílhavo, a costa do mar de Mira, a Cova no litoral figueirense de Lavos, e a Vieira na foz do rio do pinhal de Leiria.

Povoações, de homens e mulheres "sozinhos com Deus e o Mar", nascidas da expansão setecentista, para Sul, dos pescadores da Arte, com os seus palheiros palafíticos e os seus fabulosos barcos ("o mais belo barco do mundo"... ) em forma de meia-lua (uns e outros, os palheiros e os barcos, construídos com a mesma madeira da mesma árvore, o pinheiro marítimo dos litorais atlânticos).

Iremos agora publicando estes textos em antecipação de um estudo histórico e etnográfico de maiores dimensões que dedicaremos aos Pescadores Portugueses da Beira Litoral — "Os mais pobres dos pobres, com o mais belo barco do mundo"... —, e em paralelo com o trabalho

museológico que, no âmbito do CEMAR, estamos a fazer com vista ao Museu da Memória da Terra e do Mar, em Mira.

A influência nórdica e galega em geral (e os seus evidentes exemplos, não somente nestas “Finisterras” portuguesas da Beira Litoral, de Aveiro a Buarcos, mas também nos restantes litorais portugueses, até ao Algarve) tem já pelo autor destas linhas sido tratada em vários dos seus livros e outros textos publicados ao longo dos anos — nomeadamente *A Maldição da Memória do Infante Dom Pedro* e as *Origens dos Descobrimentos Portugueses* (Figueira da Foz: CEMAR, 1995), *Vida e Obra do Infante Dom Pedro* (Mira-Lisboa: CEMAR C.M.M.-Gradiva, 1996), *Portugal, Galicia e o Mar: Os Pescadores e as Orixes dos Descobrimentos Portugueses* (in *Até ao Confim do Mundo: Diálogos entre Santiago e o Mar*, Vigo: Museo do Mar de Galicia, 2004). Aqui retomaremos alguns elementos desses nossos textos publicados no passado e apontar-nos-emos especialmente para o caso particular dos pescadores dos litorais da Ria de Aveiro e da Beira Litoral, desde a Foz do Douro até à Praia da Vieira de Leiria.

**Alfredo Pinheiro Marques,**

*Director do Centro de Estudos do Mar – CEMAR;*

*Coordenador do Museu da Terra e do Mar de Mira.*

*NOTA: a foto publicada nesta Folha encontra-se exposta no Museu Etnográfico de Mira e é de autor desconhecido.*